

entrevista especial

A VIII Semana Universitária e a UCB

Marcos Sílvio Pinheiro



Edilberto Sastre

Edilberto Afanador Sastre é colombiano, Comunicador Social pela Universidad de la Sabana – Bogotá, Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília, Professor da Universidade Católica de Brasília de 2000 a 2006. Organizador do livro “Encruzilhadas da Universidade Particular: Caminhos e Possibilidades”. Coube a ele a tarefa de presidir a VIII Semana Universitária da UCB – é o mais significativo evento que ocorre, anualmente, no mês de setembro. É um espaço com 615 atividades “no qual a partir dos seus interesses intelectuais, indivíduos se mobilizam em torno do conhecimento para dialogar, discutir, debater, promover, contestar as mais diversas posturas, os mais diversos discursos, as mais heterogêneas visões”. Nesta entrevista, Sastre discorre sobre a dificuldade de organizar um evento de tal envergadura. Discute o tema da Semana “As Encruzilhadas da Universidade Particular”, aponta as crises e contradições quando a universidade se volta para si mesma para repensar sua relação com a sociedade. Coloca questões que dizem respeito a todos nós que vivenciamos, cotidianamente, a universidade. Por fim, avalia que a Semana Universitária é um espelho da própria universidade.

Dialogos – De que forma se estabeleceu a relação entre a Universidade Católica de Brasília e a respectiva Semana Universitária?

Edilberto Sastre – A relação entre a Universidade e sua Semana Universitária é extremamente ambígua, sendo que este ano, tal ambigüidade ficou mais evidente na medida em que o tema implicava a necessidade de parar para pensar as encruzilhadas históricas pelas quais passa o fenômeno das Universidades Particulares.

Em primeiro lugar, a relação é de estranheza. A estrutura disciplinar sobre a qual está constituída a Universidade faz com que um evento que reúne todos os cursos, se torne altamente incômodo. De fato, a Semana Universitária é diferente de todas as outras semanas temáticas que cada um dos cursos realiza ao longo do ano. Esta tem

um conteúdo e um público claramente identificáveis. Assim, os eventos, por exemplo, da Medicina, tratam sobre questões médicas e são para os estudantes de Medicina, assim como os da Educação Física reúnem os estudantes da Educação Física. Claro que os eventos são abertos a qualquer um que deles queira usufruir, independentemente do seu curso de origem. Porém, por um efeito negativo da cultura disciplinar, a tendência é que os eventos dos cursos fiquem majoritariamente circunscritos a temas e público do próprio curso. A desvantagem desta forma de proceder é evidente. Conhecimentos e informações que enriqueceriam intelectualmente a públicos diversos ficam restritos a públicos compostos apenas pelo componente disciplinar.

A cultura disciplinar se fundamenta na idéia de dar toda a importância possível apenas aos eventos, questões,

A relação entre a Universidade e sua Semana Universitária é extremamente ambígua, sendo que este ano, tal ambigüidade ficou mais evidente.



RODRIGO BRANT

processos, discursos de uma determinada área de conhecimento, descartando sistematicamente tudo que seja considerado alheio a ela. Esta forma de ver as coisas, muito fortemente enraizada entre nossos estudantes e professores, favorece a realização de eventos por cursos. Porém, quando o evento implica a necessidade de pensar para além do universo disciplinar, esta mentalidade torna-se um elemento limitador, um obstáculo de difícil superação.

Dialogos – *Como Presidente do Comitê Gestor da VIII Semana Universitária, qual é sua avaliação a respeito da escolha do tema e o seu desenvolvimento durante o evento?*

Edilberto – Um tema como o das “Encruzilhadas da Universidade Particular” mereceu, no início do processo de organização da Semana Universitária, uma recepção bastante fria, inclusive, negativa. Não foram poucos os professores que reagiram com frases como esta: “O que um tema como esse tem a ver com meu curso”? O que eles mes-

mos respondiam: “nada”! Entre os estudantes a situação era mais crítica: “esse tema não tem nada a ver com nada”.

A questão era de fato um desafio. Que posso pensar sobre os problemas das instituições universitárias particulares, eu, que sou um habitante delas, como professor ou estudante e que transito em uma área específica do conhecimento? Responder a uma questão como esta implica deslocar-se do espaço de pensamento disciplinar para um âmbito maior de reflexão – a Universidade como espaço-síntese, como multiverso, como região (no mínimo) multidisciplinar, (pelo menos) interdisciplinar e/ou (o que é desejável) transdisciplinar.

A Semana Universitária sempre propôs um tema para reflexão. Porém, o tratamento deste se limitava a algumas palestras, as chamadas atividades âncora. Isto é, menos de 10% das atividades tratavam o tema em pauta. Durante este ano, fez-se um esforço maior para que o tema fosse tratado em cada um dos eixos propostos. Pela primeira vez, pelo menos um 70% das atividades o enfocaram. Essa mudança nos permite pensar que a dificuldade inicial foi superada e que esse ato de deslocamento foi possível. Mais importante ainda é que ele foi possível, sem significar um abandono aos interesses dos componentes disciplinares. De fato, muitas atividades colocavam as encruzilhadas dos diversos nichos disciplinares. Assim foi possível oferecer um mosaico de 615 atividades dentre as quais era possível penetrar de maneiras diversas nas questões suscitadas pelo tema.

Dialogos – *Como esse conjunto de atividades foi assimilado pelos diversos setores da Católica?*

Edilberto – Aqui é importante recorrer aos mais diversos comentários e avaliações, mensagens e críticas recebidas. O critério de seleção desses comentários foi o seguinte: até que ponto o comentário reflete a cultura discipli-

nar ou uma cultura inter ou transdisciplinar?

Assim, por exemplo, para os defensores da disciplinariedade a Semana Universitária foi péssima. Basicamente, pela razão de que “havia poucas atividades do meu curso”. Para os defensores de uma visão mais integrada, a Semana universitária foi interessante. “Havia tantas coisas para ouvir, tantas possibilidades que era uma pena não poder estar em tudo ao mesmo tempo”.

Dialogos – *Esse posicionamento já não representa uma das encruzilhadas da Universidade?*

Edilberto – Esse resultado sugere de fato uma das encruzilhadas vividas pela Universidade: enquanto ela se apresentar estruturalmente disciplinar, ela apresentará dificuldades de pensamento. Isso significa que à própria Universidade custa pensar-se a si mesma. Afinal de contas, a Universidade não é o prédio, mas cada um dos estudantes e cada um dos professores que no dia-a-dia da vida acadêmica constroem o fenômeno universitário. O que está para além do exercício da construção disciplinar, toda vez que implica entrar em contato com tudo que nos rodeia. Isto é, diversas correntes de discurso, de interesse epistemológico, de possibilidades paradigmáticas e de visões de mundo.

Manter a percepção e os interesses epistemológicos e políticos, atrelados à questões vinculadas ao estreito espaço da disciplina, impede, no mínimo, a possibilidade de ser tocado por outro. Impede a construção de um diálogo fundado em diversas semânticas; aproximar-se do real como ele – complexo, dinâmico, diverso, heterogêneo, múltiplo. Dificulta o contato com o contexto histórico, em que vivemos, nos diminuindo como seres humanos. Isso tudo implica numa grande encruzilhada para a Universidade.

Dialogos – *De tudo isso resulta que muitas das questões de fundo que foram colocadas nos diversos seminários, palestras,*

A Universidade não é o prédio, mas cada um dos estudantes e cada um dos professores que no dia a dia da vida acadêmica constroem o fenômeno universitário.



JOÃO GABRIEL

A verdadeira democratização não consiste na quantidade de estudantes que ingressam e terminam curso superior, mas na qualidade e na profundidade do acesso ao mundo do conhecimento.

debates sobre o tema, se perdem por falta de um espectador coletivo atento.

Edilberto – E eis que tal nos permite pensar outra encruzilhada das Universidades. É que o grande debate, as questões fundamentais ficam para poucos, enquanto a grande maioria transita na Universidade, como quem visita apenas um prédio, ou uma máquina de alocar pontinhos e números e

estatísticas. A Universidade é transitada por pagantes que compram determinados produtos e, nessa demanda, não consta nada que permita pensar sobre tudo que está implícito e que diz respeito a esse espaço socialmente construído, historicamente determinado, paradigmaticamente direcionado, que é a Universidade que nos forma.

A encruzilhada consiste em não saber como democratizar a Universida-

de sem destituí-la do seu sentido último, enquanto é aberta cada vez mais a novos estudantes. Entende-se que maior quantidade de estudantes, maior grau de democracia efetiva. De fato, a quantidade de estudantes, especialmente quando se trata de pagantes efetivos, tem um reflexo em termos da sustentabilidade econômica das instituições. Porém, isso não resolve o problema maior da sustentabilidade epistemológica, da responsabilidade social e histórica, da questão política, questões que configuram o núcleo duro e o sentido último da Universidade. Não resolve o fato de que a verdadeira democratização não consiste na quantidade de estudantes que ingressam e terminam curso superior, mas na qualidade e na profundidade do acesso ao mundo do conhecimento. Pois afinal, isso é que fará a diferença, não somente para esse estudante em particular, mas para a sociedade que poderá usufruir do conhecimento que ele seja capaz de invocar para dar soluções aos problemas históricos dela mesma. Estatísticas não solucionam os problemas do mundo.



Ela tem pesquisa, extensão, cultura, arte e todos os caminhos que podem ser abertos, a partir daí.

Dialogos – *Mesmo um evento como a Semana Universitária, só consegue atingir uma minoria de estudantes e professores que vieram para buscar isso que está além da instrumentalização.*

Edilberto – Para a maioria isso tudo é algo amplo demais, desnecessário; é algo incompreensível. Essa é outra das encruzilhadas das Universidades Particulares. Elas, como projeto, pelo que são capazes de oferecer, pelas suas potencialidades, pela diversidade que albergam, superam em muito a demanda que os estudantes lhes dirigem – a maioria deles quer apenas ter um título de nível superior. Ela tem muito conhecimento a lhes oferecer e eles acham tudo isso estranho, desnecessário, incompreensível. Ela tem pesquisa, extensão, cultura, arte e todos os caminhos que podem ser abertos,

a partir daí. Eles querem apenas terminar o curso o mais rápido possível.

O pior é que muitas destas instituições perdem o fôlego e começam a desistir de procurar estratégias para elevar o estudante até suas verdadeiras possibilidades e terminam por estabelecer estratégias para satisfazer as demandas dos estudantes: diminuem o tamanho e a qualidade dos cursos, retiram verbas dos projetos de pesquisa e de extensão, esvaziam de arte e cultura o campus, retiram toda discussão política, ética e estética. Aderem ao que pensa o estudante: que tudo isso é “gordura” e terminam por sacrificar o espírito da Universidade. A instituição fica, a Universidade desaparece.

Dialogos – *Daí a importância de fazer uma Semana Universitária desse porte?*

Edilberto – Sim, pena que seja somente uma; 615 atividades é muita coisa! Apesar de muitos estudantes nem aparecerem, na Semana Universitária, ela é uma forma válida de constituir e aquecer o espírito do que é realmente a vida na Universidade. É um investimento caro, implica custos, mas enriquece a cada um daqueles que se deixa tocar e, então, descobre toda essa riqueza. Vale dizer também que a Semana Universitária gera enorme lucro simbólico para a Universidade. Ela outorga capital simbólico ao conjunto e a cada um dos que participa, ora como palestrante, ora como público. Portanto, a Semana Universitária não é gasto, mas investimento.

Dialogos – *Isto reflete outra encruzilhada?*

Edilberto – Sim, as Universidades Particulares não conseguem distinguir claramente a diferença entre gasto e investimento, quando se trata de avaliar o retorno em termos de capital simbólico. Pautam suas economias apenas na contabilidade do lucro líquido alcançado. A operação completa implicaria equacionar o lucro em termos do capital simbólico, isto é, em termos do conhecimento gerado e do reconhecimento que tanto as diversas comunidades científicas como a sociedade fazem desse conhecimento. O capital simbólico acumulado fortalece a Universidade que o gera, isto é, aos seus cientistas, aos seus estudantes e aos futuros profissionais no mercado de trabalho. A acumulação de capital simbólico implica o estabelecimento de estratégias de poder que redundam num círculo vicioso: mais capital simbólico, maior grau de sustentabilidade institucional para o conjunto da Universidade e para o profissional.

Lamentavelmente, a tendência é no sentido da construção de um círculo vicioso: tanto a Universidade como os estudantes terminam por desprezar esse processo de consolidação do capital simbólico e se lançam num projeto de esvaziamento no qual o aceleramen-

to dos processos, o barateamento de custos, o desinvestimento em pesquisa e extensão, o abandono dos espaços de arte e cultura terminam por retirar todas as possibilidades de sustentabilidade à instituição e ao futuro profissional. Diante da falta de credibilidade total do ensino superior privado, surge assim o fenômeno do tráfico e da pirataria, num jogo no qual sobrevivem aqueles que aplicarem corretamente as regras do mercado, os parâmetros de oferta e demanda – a lei da selva. As instituições não oferecem mais conhecimento, mas sucesso. Não se cuida mais de laboratórios e bibliotecas, mas de outdoors. Não importa mais quantos cientistas se formarão, mas quantos graduandos constarão nas estatísticas. Por sua vez, os estudantes demandam o mínimo, desprezam o conhecimento, não se enxergam como futuros cientistas, apenas como portadores de título superior e não aspiram a ser profissionais da suas áreas de estudo, mas passar em concursos públicos com bom salário e baixa responsabilidade.

Dialogos – *A partir de sua afirmação que “A Semana Universitária é um espelho da Universidade”, faça uma avaliação da validade desse evento para a UCB.*

Edilberto – Tratamos a Semana Universitária da mesma maneira que tratamos a Universidade. Por isso é possível pensar as encruzilhadas de uma, a partir das dificuldades da outra.

Contudo, a Semana Universitária se mostra como uma estratégia válida. Ela nos abre sendas de possibilidade para a Universidade, podendo ser vista como um modelo de Universidade. Ela é um espaço no qual a partir dos seus interesses intelectuais, indivíduos se mobilizam em torno do conhecimento para dialogar, discutir, promover, debater, confestar as mais diversas posturas, os mais diversos discursos, as mais heterogêneas visões. Um tempo em que ritmos se misturam criando cadências, alternâncias, polifonias. Espaço de diálogo, de pergunta, de problema, de crítica. Cenário para todas as artes,

*Tratamos
a Semana
Universitária da
mesma maneira
que tratamos a
Universidade.
Por isso é
possível pensar
as encruzilhadas
de uma, a partir
das dificuldades
da outra.*

para todas as correntes musicais, para as múltiplas paisagens da pintura, da fotografia, da escultura. Palco para o teatro, para a dança. Tempo para o moderno, o arcaico, o pós-moderno. Improvisação e planejamento. Descoberta e invenção. Na semana Universitária cabem todas as falas e todas são legítimas. A presença deve ser voluntária e o conhecimento deve ser elaborado desde dentro, ao sabor das escolhas que nos remetem a compartilhar com diversas comunidades. São bem-vindas a ciência pura, a filosofia, a teologia e as tradições. É bem-vindo um público multitudinário e um público feito por quatro olhos assombrados. É perfeita a dança que se inventa entre as atividades formais. Uma Universidade que flui. Um evento em que cada um é fundamental e por isso as hierarquias são irrelevantes, pois, cada um faz um aporte essencial para o todo; onde a monotonia e a repetição desaparecem, abrindo espaço para a surpresa e o extraordinário e onde a comunidade pode fazer parte, entrar, aproveitar, usufruir, compartilhar seu conhecimento. Eis o modelo!